

A MEMÓRIA EM UM CONTO DE GUIMARÃES ROSA

Clotilde P. de Sousa Favalli

O conto "Nenhum, nenhuma" ocupa um lugar fundamental em *Primeiras estórias*, pois seu tema, a memória, é central nessa obra. Assim, se o presente estudo incide sobre um único texto, a elucidação do seu significado não permanece dentro de tais limites; ao contrário, abrange o livro como um todo.

O conto inicia com um narrador, na primeira pessoa, mencionando recordações vagas e a impossibilidade de recuperá-las pela memória:

"Não é possível saber-se nunca mais." (pág. 43)

A seguir, a narrativa se transfere para a terceira pessoa e a personagem de um menino caminha ao longo de uma casa de fazenda. Encontra um homem maduro, uma jovem e um jovem que se amam. O menino, após certa oposição, chega a um quarto onde depara com uma mulher muito velha, cujas origens se perdem no tempo. O jovem pede a jovem em casamento (supõe-se), mas ela lhe impõe uma prova, a de nunca esquecê-la. Ele, em desespero, se declara:

"(...) simples homem, são em juízo (...) para seguir o viver comum (...) pelos planos caminhos." (pág. 49)

Ou seja, se reconhece não-capacitado para a prova da memória permanente. Abandona a fazenda trazendo consigo o menino, de volta à casa dos pais desse último. A narrativa retoma a primeira pessoa e o narrador, identificando-se como o menino, explode em censuras:

"Vocês não sabem de nada, de nada, ouviram?! Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia sabiam..." (pág. 50)

Se formos, porém, além da estória, percebemos que o texto se estrutura a partir da definição de um projeto:

"Se eu conseguir recordar, ganharei calma, se conseguise religar-me: adivinhar o verdadeiro e real, já havido." (pág. 44)

O desenvolvimento, por sua vez, compreende, em síntese, três etapas: a realização desse projeto, o recordar como meio de recuperar uma totalidade perdida, os obstáculos à recuperação, a falência definitiva da memória. Essa espécie de caminhada é expressa metafóricamente por uma viagem de ida e de volta.

Explicitando melhor essa estrutura, o conto se abre com uma introdução, um primeiro parágrafo em que o narrador, na primeira pessoa, nomeia o que será o cenário, uma casa de fazenda já aqui indicada como representante simbólica do próprio espaço da memória:

"Dentro da casa-de-fazenda (...) passaram-se e passamos, na retentiva da gente (...)" (pág. 43)

Encerra-se o parágrafo, como já dissemos, com o reconhecimento da impossibilidade do saber, identificado aqui com a reconquista do passado. A narrativa prossegue como em oposição a essa impossibilidade previamente dita; um discurso, agora na terceira pessoa inicia o tema da viagem; as personagens referidas no resumo é que passam a realizar as ações, destacando-se entre elas o menino que se adentra pela casa, detendo-se junto a quartos e objetos responsáveis pela configuração de um espaço típico de uma casa-grande de fazenda: o escritório, a escrivaninha, as gavetas. Essa primeira sequência é interrompida com uma reflexão novamente na primeira pessoa, sobre a memória, já citada quando mencionamos o projeto:

"Se eu conseguir recordar (...)" (pág. 44)

Percebe-se, então, que o texto segue o desenvolvimento indicado, porém através de dois discursos complementares, um na primeira pessoa que tem como tema a reflexão, o pensamento racional sobre a memória, próprio, portanto, de um adulto e um segundo discurso na terceira pessoa, cuja personagem central é o menino viajante. Assim, se a definição do projeto estruturador do conto, o recordar como um ato de religar-se, é realizado pelo adulto, sua concretização, no texto, se faz pela criança, pois é ela que percorre a casa e fixa os objetos e as pessoas. Confirma-se também nossa suspeita de que o espaço da casa é o espaço da memória. Uma vez mais, à semelhança de "As margens da alegria", "A menina de lá", "Partida do audaz navegante", Guimarães Rosa confere à

criança, enquanto portadora de um conhecimento pré-lógico, o poder do encontro com a totalidade:

"[...] adivinhar o verdadeiro e real, já havido."

Pode-se, também, assinalar, a partir dos dois discursos, a presença de um outro elemento comum em Guimarães Rosa, o múltiplo, a personagem dissociada em várias outras para, com isso, dizer da ambigüidade do real e do ser humano. Assim, em um momento do conto, diz o narrador sobre o menino:

"Atordoado, o Menino, tornado quase inconscio, como se não fosse ninguém, ou se todos uma pessoa só, uma só vida fossem: ele, a Moça, o Moço, o Homem Velho e a Nenha, velhinha (...)." (pág. 49)

Dissemos que o conto se estrutura segundo o modelo de uma viagem de ida e de volta. Ao longo do percurso, o menino encontra duas mulheres, uma jovem e uma muito velha. A jovem é logo identificada com a paz e a luz, como um bem muito almejado. O texto caracteriza-a como uma espécie de Princesa, de Bela Adormecida, muito alva em seu castelo, guardada por mil monstros. O conto contém, portanto, uma estrutura própria das narrativas de fadas e, mesmo, arcaicas, em que a jovem encantada aguarda que o herói venha despertá-la e resgatá-la. Só que o nosso texto não realiza essa estrutura até o fim, ao contrário, ele seria mais a expressão de seu esgotamento. Entre as personagens, a velha Nenha parece ter completado o círculo do tempo e retornado à infância. Basta que atentemos para a repetição de diminutivos e expressões próprios da vida infantil e que lhe são atribuídos:

"Era uma velha, uma velhinha — de história, de estória — (...) pequenina como uma criança (...)" (pág. 45)

"[...] acomodadinha num cesto, que parecia um berço." (pág. 46)

Dentro do tema da recuperação das raízes, acumulam-se os índices para que percebamos essa personagem, dupla na sua condição de anciã e de menina, inscrita num tempo cíclico, mítico, portanto (de estória), como símbolo da tradição, permanentemente alimentada pelo culto da memória. Em uma passagem, inclusive, a eternidade é um de seus atributos:

"Dera-se que (...) andara confiada a estranhos a Nenha, velhinha que durava, visual, além de todas as raias do viver comum e da velhez, mas na perpetuidade." (pág. 48)

Numa espécie de desdobramento da anciã-menina, temos a moça "menina ancianíssima" que a alimenta e cujos índices se acumulam definindo-a como a própria preservação:

"A Moça trazia a água (...) a gente pensava que ela devia de ter nascido assim, com aquele copo de água pela borda (...); dele nada se derramasse." (pág. 47)

A medida que se desenrola a viagem do menino por esse mundo fechado, acompanha-o, como já dissemos, um segundo discurso cujo conteúdo é de resistência ao projeto primitivo. As expressões relativas à memória fragmentada se acumulam e a narrativa se aproxima de um clímax:

"Tenho de me lembrar." pág. 46)

"Cerra-se a névoa (...) há uma muralha de fadiga. Orientar-me! — como um riachinho às voltas que tentasse subir a montanha." (pág. 47)

"Como vivi e mudei, o passado mudou também." (pág. 47)

"A gente cresce sempre, sem saber para onde." (pág. 48)

Desse conjunto de citações, salientamos as duas últimas por conterem a chave do conto. Quanto ao clímax, ele é dado ao nível referencial pela prova imposta ao jovem (como nos contos de fadas) e que este não pode vencer. Multiplicam-se, então, os termos indicadores da falência do projeto:

"O Menino estremeceu (...). Reperdida a lembrança a representação de tudo se desordena: é uma ponte, ponte, — mas que, a certa hora, se acabou, parece que. Luta-se com a memória." (pág. 49)

"Então ele deu-lhe as costas." (pág. 49)

"O Moço viera com tropeço, apalpando as paredes como os cegos." (pág. 49)

Multiplicam-se também as indicações da relação entre o menino e o jovem, revelando-se este, agora com clareza, como seu duplo numa nova idade, a da razão:

"[...] que era um simples homem, são em juízo (...)" (pág. 49)

"O Menino, contra tudo o que sentisse, acompanhou o Moço, O Moço o aceitou (...) juntos caminharam." (pág. 49)

Se somarmos a essas indicações, a de uma terceira personagem, o homem maduro à beira da morte, temos a seqüên-

cia da vida humana com a infância, a mocidade e a velhice e a concepção implícita no cerne do texto de que a unidade e a totalidade existenciais são privilégios da primeira idade, que à medida em que o homem ingressa na idade da razão rompe-se a ponte com os tempos primordiais. Esse rompimento se expressa, em forma de metáfora, na figura do jovem como elemento de passagem. Ao nível mítico, esse conto se apresenta assim como uma perda do paraíso, ou melhor, como uma busca para recuperá-lo seguida de sua perda definitiva:

"Como vivi e mudei, o passado mudou também."

A terceira seqüência compreende o caminho de volta que se dá, simetricamente, no sentido oposto:

"E entraram no quarto, ao extremo da varanda, no escritório. Aquela mesa escrivãzinha cheirava tão bom (...)" (pág. 49)

O caminho da ida, o menino o fizera só, em coerência com sua condição de única personagem do texto capaz de recompor o passado. O caminho de volta, ele o faz com o jovem, o que também confirma a interpretação de que as duas personagens agora juntas representam a passagem mencionada. Tanto que cabe ao jovem receber o desafio da prova impraticável, ocupar o centro da narrativa nessa seqüência e viver a expulsão do paraíso:

"Falido, ido, noutra confusão, ele rompeu a chorar." (pág. 50)

Em "Chegara" encerra-se a seqüência e a narrativa na terceira pessoa. O desenlace retoma a primeira pessoa, com o narrador identificando-se como o menino e censurando os pais. O conto conclui como começa, com o reconhecimento da impossibilidade da recuperação desejada. Metaforicamente, ainda, isso é expresso pelo desconhecimento dos pais pelo menino. Adultos, eles aparecem como representantes da ruptura com o passado e a memória, ruptura que compromete a própria identidade. É como podemos entender o pronome seguido da interrogação: "eu?" À luz, paz, totalidade configuradas nas personagens das duas mulheres, opõe-se a confusão, a cegueira, a dúvida configurada nesse "eu?".

"Nenhum, nenhuma" compõe uma estrutura arquetípica. Suas personagens não gozam de uma existência caracterizada segundo os moldes realistas, confundem-se de imediato com universais que seriam próprios do ser humano: o menino que

realiza a aventura, o jovem que pede a amada em casamento, o velho à beira da morte, as mulheres guardiãs do passado. Dentre deste mundo fechado, cabe a essas a função estática de arquétipos da memória, o menino e o jovem, ao contrário, se inserem num tempo dinâmico através do viajar em coerência com a problemática do "vivi, mudei, o passado mudou também". Quanto ao homem velho, se permanece na casa da fazenda é porque, em fim de caminho, ele já pertence ao espaço da memória "Nenhum, nenhuma" apresenta-se, portanto, como uma metáfora da experiência ontológica do homem inscrito no tempo, experiência implícita no mito do paraíso perdido.

Referência bibliográfica

"Nenhum, nenhuma". In: Guimarães Rosa, João. *Primeiras histórias*, 9, ed. Rio de Janeiro. Ed. José Olympio.